

DENTRO E FORA DA FRONTEIRA: CORPOS QUE SUBVERTEM A NORMA HEGEMÔNICA DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA*

Eliaquim de Sousa Lima

eliaquimsousa@hotmail.com

Kaline Lígia Estevam Carvalho de Pessoa

ligia.pessoa@ifce.edu.br

Instituto Federal do Ceará (IFCE)

RESUMO

Este trabalho objetivou analisar a abordagem dos corpos que transgridem as fronteiras do gênero e da sexualidade nos conteúdos da Educação Física Escolar. A pesquisa ocorreu com um público de 7 alunos da 3ª série do Ensino Médio; utilizou-se a técnica de grupo focal para coleta dos dados, e para análise, a categorização. Resultados: os corpos subversivos podem sofrer preconceito velado por meio de piadas e olhares de vigilância quando praticam a dança (meninos) e o futsal (meninas).

PALAVRAS-CHAVE

gênero; sexualidade; educação física escolar

INTRODUÇÃO

No ambiente escolar, discursos e ações que envolvem gênero e sexualidade aparecem corriqueiramente, como: conflitos internos a respeito do corpo, do gênero ou da sexualidade que se externalizam por meio de perguntas durante as aulas e nas rodas de conversas no intervalo (PRADO; RIBEIRO, 2010).

Nessa instituição, a disciplina de Educação Física é um campo fértil para a manifestação de embates sobre gênero e sexualidade, uma vez que, a influência do pensamento médico, a separação por sexo nas aulas, e ainda, o envolvimento dos corpos durante as práticas dos conteúdos instigam falas sobre esses assuntos (MORAES; OLIVEIRA; FECHIO, 2011).

* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Ademais, nas aulas de Educação Física, algumas práticas corporais trabalhadas foram genericadas no decorrer da história como pertencentes ao gênero masculino, como é o caso do futebol; e ao gênero feminino, como é o caso dança (PRADO, RIBEIRO, 2010).

Posto isso, problematizou-se: Quais são as abordagens que os corpos masculinos e femininos recebem, quando subvertem as fronteiras hegemônicas do gênero e sexualidade nos conteúdos durante as aulas de Educação Física no Ensino Médio?

Para isso, intentou: Analisar a abordagem dos corpos que transgridem as fronteiras do gênero e da sexualidade nos conteúdos da Educação Física Escolar no nível do Ensino Médio.

Esta pesquisa visou amenizar o silêncio que ainda há na área, principalmente dentro da escola, tendo em vista, a falta de aprofundamentos na formação inicial e continuada, havendo insegurança para intervir sobre o assunto. Outrossim, os resultados encontrados com este trabalho propiciam que a comunidade escolar, realize uma reflexão com base em suas posturas e condutas frente às discussões de gênero e sexualidade, buscando encaminhar possibilidades de trabalhar a temática no chão da escola.

GÊNERO E SEXUALIDADE: SUBVERSÃO DOS CORPOS ATRAVÉS DOS CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Nas aulas de Educação Física Escolar (EFE) é possível notar indivíduos transgressores mediante os movimentos corporais, como também, através dos conteúdos que historicamente estiveram relacionados à perpetuação de papéis sociais distintos para cada gênero. Perante a isso, compreende-se que as manifestações: esportes, lutas, dança e ginástica estão atreladas à Educação Física, principalmente quando se encontram realizadas dentro da escola. Para melhor compreensão da subversão na EFE, exemplifica algumas situações.

O esporte tem sido historicamente apresentado como produtor e reproduzidor de desigualdades de gênero. Por exemplo, o futebol é visto como uma prática destinada aos homens, exigindo características biológicas que não se adequam às mulheres; em contrapartida, o voleibol foi construído como uma prática feminina, não havendo muito contato físico e requer menos esforços que o futebol (MACHADO *et al*, 2009). Essa imposição social impacta diretamente nas aulas de Educação Física, em que comumente visualiza-se meninos no futsal e as meninas no voleibol. Complementando os autores supracitados, Prado e Ribeiro (2010, p. 409) mostram que:

A menina que briga para ser aceita em uma partida de futebol, ou o menino que passa longe dos campos ao buscar espaço para se manifestar corporalmente na quadra de voleibol [...] podem acabar alvos de comentários acrícos, normalizadores e estigmatizantes por não adentrarem no jogo padronizado das atividades que melhor se enquadrariam para seus gêneros.

Ou seja, é muito difícil ultrapassar a norma e não ser percebido, porque além de haver um forte controle e regulação, há aqueles que inculcaram as regras e “coagem” os demais a segui-las.

Além disso, Marques (1997) apud Silva (2012) diz que, a dança culturalmente refere-se ao gênero feminino, pois, a mídia transmite à população, mulheres sensualizando-se ao dançar, gerando a imagem de uma atividade que remete sensualidade, fragilidade, delicadeza; distanciando os meninos desse conteúdo na escola.

Assim, a genericação dos conteúdos que se manifesta na Educação Física, possivelmente pode estar mantendo e contribuindo indiretamente ou diretamente para delimitar os papéis diferenciados de homens e mulheres.

METODOLOGIA

A pesquisa enfocou nos aspectos qualitativos do fenômeno. Essa constituiu-se em um grupo de 7 estudantes entre meninos e meninas (17 e 18 anos) da 3ª série do Ensino Médio de uma escola de Limoeiro



do Norte Ceará. Sendo essa etapa escolhida, por haver sujeitos com compreensões mais maduras para abordarem sobre gênero e sexualidade, e por obterem maiores vivências nas aulas de Educação Física se comparados aos das séries anteriores.

Para coleta das informações, os integrantes foram submetidos a duas sessões da técnica de grupo focal, em ambas, havia um roteiro de perguntas embasado na questão central e no objetivo da pesquisa, que auxiliou os debates entre os alunos. Após a coleta dos dados, as respostas foram transcritas e categorizadas no programa Microsoft Word 2013.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, apresenta-se os pontos principais coletados no grupo focal, mediante a fixação de categorias que considerou as falas dos atores da pesquisa.

Olhares e risadas para com os meninos que dançam

Os alunos expuseram que na prática da dança havia grandes receios por parte dos meninos. Durante as discussões no grupo focal, contaram uma situação que ocorreu na turma quando teve um momento voltado para a aula de zumba. Os meninos que não quiseram participar da aula, olhavam e riam dos meninos que estavam praticando. Afirma-se isso através das falas 4, 1 e 3 dos participantes:

Participante 4: Quando traz algum conteúdo relacionado à dança, os meninos que gostam de futsal não gostam de participar da dança. Eles ficam olhando e achando graça de alguns meninos que estão dançando. Acredito que mais no conteúdo de dança, nem tanto nas outras modalidades.

Participante 1: É, vejo mais distinção na dança.

Participante 3: O aula de zumba, nem todos participaram.

Para Maria Saraiva e Neusa Kleinubing (2013) há inclinações desde cedo em associar práticas de teor expressivo, como a dança, ao universo feminino, haja vista, existir uma crença social que propaga estereótipos de gênero e sexualidade relacionadas aos movimentos corporais.

Diante disso, havendo distinção de práticas para cada gênero ou sexualidade, abre possibilidades para que haja receios de se praticar, pois os meninos, principalmente, podem ter medo do que as pessoas irão falar ou como irão olhar. Além de acreditarem que poderão pôr em dúvida sua masculinidade. Para Ileana Wenez (2013, p. 206),

[...] essa vigilância estabelecida mais pontualmente sobre meninos produz o que vou chamar de 'zona de segurança', a qual é um espaço ou uma distância que [...] estabelece para se sentir segura e não se aproximar muito daquilo que representar perigo.

Portanto, a prática da dança por mais que seja um elemento constituinte da cultura corporal, e que deveria ser vivenciada por todos, ainda é percebida como uma manifestação de cunho exclusivamente feminino, e que o menino que se interessar por essa prática, possivelmente, por um discurso construído socialmente ao longo da história, tenderá a ser alvo de alguma abordagem direta ou em muitos casos velada de discriminação (piadas, risadas e/ou olhares de vigilância).

Futsal é prática subversiva para as meninas

No jogo de futsal, apenas uma aluna da turma ultrapassava a barreira das decisões dos meninos, sendo que, só oportunizavam-a, porque ocupava a função de goleira. Segue as falas dos participantes:

Participante 1: É tanto que a gente nem joga, nenhuma menina. Aliás, tem uma colega nossa.

Participante 5: Por exemplo, nossa colega que participa do futsal, quando ela faz algo errado, é mais julgada que qualquer outro menino.

Participante 7: Quando ela está no gol e leva um gol, é muito criticada.



Grupo: Os meninos falam que ela tampa o gol por ser gorda, e quando não fazem o gol nela, eles dizem, também, tampa tudo.

No Brasil, se retomarmos o histórico de inserção no esporte, nota-se que esse foi acessado de forma desigual, principalmente quando se remete ao futebol, enquanto os homens têm à sua disposição estrutura, mercado e um destaque midiático, às mulheres se firmam nessa prática mediante muitas resistências, barreiras que iniciam no contexto familiar e que se estendem para o campo profissional.

Coelho (2009) mencionado por Leandro Brito (2017) aponta que, no Brasil, o futebol excluiu de sua prática as mulheres e os homossexuais. Isto quer dizer que, aos meninos heterossexuais é tolerável e incitados desde cedo a realização dessa prática, principalmente, quando se tem o intuito de afirmar e assegurar o seu gênero e sexualidade.

Conforme afirma Altmann (2015, p.115) "O cartão de entrada das meninas era jogarem bem, mas, contraditoriamente, jogar com essa menina, mais do que um desafio, passaria a ser, para os meninos, uma ameaça à sua imagem masculina".

Isto retoma a fala dos alunos a respeito da colega que ocupava a função de goleira. Diante da defesa de um gol durante um jogo, os meninos preferiam minimizar a habilidade dela e relacionar o ato a uma imagem corporal carregada de preconceitos, do que realmente assumir que perderam o gol, afinal, era o seu status de menino/ heterossexual, que estava em jogo.

Perante a isso, percebe-se que o futebol foi/é um campo de afirmação e ocupação masculina, que se propagou através das relações, rechaçando e excluindo desse campo, as mulheres e os homossexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, as abordagens de gênero e sexualidade notadas para com os corpos subversivos eram discriminações mediante piadas e olhares de vigilância que ocorriam principalmente no conteúdo dança e sobre os meninos. E que o futsal, ainda é um conteúdo não tão acessível às meninas, quando essas tentam se inserir, qualquer erro, é passível de diversas críticas pejorativas.

Assim, reconhece-se que os debates sobre as questões de gênero e sexualidade na escola, e principalmente na Educação Física, ainda são escassos, apesar de grandes estudos já terem sido desenvolvidos. Portanto, cabe mais embates e análises para constituir e ampliar o acervo da área e para fundamentar a sociedade de maneira geral.



INSIDE AND OUT OF THE FRONTIER: BODIES THAT SUBVERT THE HEGEMONIC PATTERN OF GENDER AND SEXUALITY IN THE CLASSROOMS OF PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

This work aimed to analyze the approach of bodies that transgress the boundaries of gender and sexuality in the contents of physical school education. The research was carried out with an audience of 7 students of the 3rd year of high school; the focal group technique was used for data collection and, for analysis, the categorization. Results: subversive bodies may suffer veiled prejudice through jokes and surveillance when they practice dance (boys) and futsal (girls).

KEYWORDS: *Gender; Sexuality; School Physical Education.*

DENTRO Y FUERA DE LA FRONTERA: CUERPOS QUE SUBVERTEN LA NORMA HEGEMÓNICA DE GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN

Este trabajo objetivó analizar el abordaje de los cuerpos que transgreden las fronteras del género y de la sexualidad en los contenidos de la Educación Física Escolar. La investigación ocurrió con un público de 7 alumnos de la 3ª serie de la Enseñanza Media; se utilizó la técnica de grupo focal para la recolección de los datos, y para el análisis, la categorización. Resultados: los cuerpos subversivos pueden sufrir preconceito velado por medio de bromas y miradas de vigilancia cuando practican la danza (niños) y el futsal (niñas).

PALABRAS CLAVES: *género; la sexualidad; educación física escolar.*

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. *Educação Física escolar: relações de gênero em jogo*. São Paulo: Cortez, 2015.
- BRITO, L.T. *Afeminada! Afeminada!: Queerizando as masculinidade no contexto do voleibol*. In: DORNELLES, P.G; WENETZ, I; SCHWENGBER, M.S.V. *Educação Física e sexualidade: Desafios educacionais*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.
- MACHADO, A. M; SANTOS, E.O; SANTOS, F. C.P. *Esquema do autoconceito em mulheres praticantes de voleibol e futsal*. MOVIMENTUM - Revista Digital de Educação Física - Ipatinga: Unileste-MG - V.4 - N.1 – Fev/Jul. 2009. Disponível em: https://www.unilestemg.br/movimentum/Artigos_V4N1_em_pdf/movimentum_v4_n1_machado_aline_santos_edilene_2_2007.pdf. (Acesso 18 de maio de 2018).
- MORAES, L. M. de; OLIVEIRA, R. G. de; FECHIO, J.J. *A homossexualidade e o bullying na Educação Física Escolar*. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, Nº 153, Febrero de 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd153/a-homossexualidade-na-educacao-fisica-escolar.htm> >. (Acesso em 08 de maio de 2018).
- PRADO, V.M.do; RIBEIRO, A. I. M. *Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa*. Motriz, Rio Claro, v.16 n.2 p.402-413, abr./jun. 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/6729/WOS000284782500014.pdf;sequence=3> >. (Acesso em 25 de abril).
- SARAIVA, M.C; KLEINUBING, N.D. *Estereótipos de movimento e gênero na dança no Ensino Médio*. In: DORNELLES, P.G; WENETZ, I; SCHWENGBER, M.S.V. *Educação Física e Gênero: desafios educacionais*. Ijuí: ed. Unijuí, 2013.
- SILVA, J.R.da. *Gênero e dança na Educação Física escolar*. Revista EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 175, Diciembre, 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd175/genero-e-danca-na-educacao-fisica-escolar.htm> >. (Acesso em 10 de abril de 2018).
- WENETZ, I. *Bonecas e barbies no contexto escolar: feminilidade em pauta?* In: DORNELLES, P.G; WENETZ, I; SCHWENGBER, M.S.V. *Educação Física e Gênero: desafios educacionais*. Ijuí: ed. Unijuí, 2013.

